



VIVÊNCIAS E SENTIDOS DAS INFÂNCIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA NA AMAZÔNIA PARAENSE

*Erbio dos Santos Silva*¹

*Waldir Ferreira de Abreu*²

*Maria Francisca Ribeiro Corrêa*³

RESUMO

O texto ora apresentado é resultado de uma pesquisa realizada com estudantes dos anos iniciais das redes públicas (Abaetetuba e Belém-Mosqueiro no Pará). O texto é fundamentado em autores que debatem a concepção das infâncias, de desenvolvimento e aprendizagem. A pesquisa foi realizada pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infância e Filosofia da UFPA em parceria com a Unidade SEDUC na Escola – USE 17. Durante o processo de captação de informações, ouviram-se 35 alunos no período mais denso da Pandemia de COVID 19 ainda em 2020. Os dados revelaram como as crianças estavam se sentindo, seus medos e perspectivas de futuro. Demonstraram ainda que 40% das crianças têm medo de pegar COVID e um pouco mais de 31% temiam pela morte dos pais. A pesquisa, portanto, nos revela que havia incertezas sobre o futuro. Desta forma, 51% dos investigados lamentaram pelo isolamento e pela falta de oportunidades de convivência social, produzida pelo distanciamento social.

Palavras-chave: Infâncias. COVID 19. Educação.

EXPERIENCES AND SENSES OF CHILDHOOD IN PANDEMIC TIMES IN THE AMAZON OF PARÁ

ABSTRACT

This work is the result of a research carried out with students in the early years of basic education in public schools (Abaetetuba and Belém-Mosqueiro in Pará). The text is based on authors who discuss the conception of childhood, development and learning. The research was performed by the Study and Research Group on Education, Childhood and Philosophy from UFPA in partnership with the SEDUC at School Unit – USE 17. During the process of information collection, 35 students were

¹ Doutor em Educação (PPGED/UFPA); Docente na Universidade Federal do Maranhão; Coordenador-Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, Didática e Práxis Docente (EDIPD/UFMA); Bolsista/Coordenador do PARFOR-Pedagogia da UFMA. Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-0030-3058>. E-mail: erbio.silva@ufma.br

² Doutorado em Ciências Humanas e Educação (PUC-Rio); Docente na Universidade Federal do Pará; Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância e Filosofia - GEPEIF/UFPA/CNPq; ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-0245-9072>. E-mail: awaldir@ufpa.br

³ Doutora em Educação (PPGED/UFPA); Especialista em Educação (Secretaria de Estado de Educação - SEDUC/PA); ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6932-0983>; E-mail: francisca.rc24@gmail.com

heard in the heaviest period of the COVID 19 Pandemic still in 2020. The data revealed how the children are feeling, their fears and prospects for the future. They also demonstrate that 40% of the children are afraid of being infected by COVID and a little over 31% feared the death of their parents. The research, therefore, reveals that there were uncertainties about the future. Thus, 51% of the research participants sorrow over the isolation and the lack of opportunities for social interaction, produced by social distancing.

Keywords: Childhoods. COVID 19. Education.

EXPERIENCIAS Y SENTIDOS DE LA INFANCIA EN TIEMPOS DE PANDEMIA EN LA AMAZONIA DE PARÁ

RESUMEN

El texto que aquí se presenta es el resultado de una encuesta realizada con alumnos de los primeros años de escuelas públicas (Abaetetuba y Belém-Mosqueiro en Pará). El texto se sustenta en autores que debaten la concepción de la niñez, el desarrollo y el aprendizaje. La encuesta fue realizada por el Grupo de Estudios e Investigación en Educación, Infancia y Filosofía de la UFFA en alianza con la SEDUC en la Unidad Escolar - USE 17. Durante el proceso de levantamiento de información, 35 estudiantes fueron escuchados en el período más denso de la COVID 19 Pandemia aún en 2020. Los datos revelaron cómo se sienten los niños, sus miedos y perspectivas para el futuro. También demuestran que el 40% de los niños tiene miedo de contagiarse de COVID y un poco más del 31% temía la muerte de sus padres. La investigación, por lo tanto, nos revela que había incertidumbres sobre el futuro. De esta forma, el 51% de los investigados lamenta el aislamiento y la falta de oportunidades de convivencia social, producido por el distanciamiento social.

Palabras clave: Infancias, COVID 19, Educación.

INTRODUÇÃO

Tratar sobre as vivências e sentidos das infâncias de crianças amazônicas no contexto da pandemia de covid-19 se reverbera como uma oportunidade ímpar para refletir sobre os modos como as crianças produzem os sentidos da vivência de suas infâncias num determinado contexto sociocultural. Assim, a pesquisa objetivou analisar os sentidos e sentimentos produzidos pelas crianças, em suas vivências, durante o período mais grave de contágio pelo vírus da Covid-19 em 2020, tempo em que todos os contextos de socialização, interação e vivências foi afetado bruscamente, principalmente, durante o período de isolamento social.

Então, o próprio refúgio, durante o afastamento social, constituiu-se como lugar de pensar, sobretudo, as condições em que as crianças da Amazônia paraense produziram as vivências e os sentidos e sentimentos de suas infâncias na relação entre os tempos do viver e do morrer, sob a constante ameaça da pandemia, considerando os medos, desejos, anseios, mas também as expectativas de um futuro (in)certo.

Inicialmente, o texto nos convida a pensar sobre a constituição das infâncias como processo histórico e sociocultural, assim começamos a trabalhar sobre as perspectivas que permeiam o desenvolvimento infantil com a contribuição do campo da Sociologia da Infância que compreende a criança como sujeito social pleno, capaz de produzir, compreender e interpretar os contextos de suas vivências.

Em seguida, somos conduzidos/as a conhecer como vivem e produzem as vidas e significados das infâncias das crianças colaboradoras da pesquisa. Nesta parte do texto, mergulhamos no contexto sociocultural em que elas produzem os modos de seu existir na relação com o meio social em que vivem, interagem, aprendem/ensinam, produzem/reproduzem suas existências.

Trata-se do lugar material, social e simbólico com os quais essas crianças interagem, estabelecem relação e constituem-se como sujeitos de si, mas ao mesmo tempo, suas vidas são atravessadas e marcadas pelo contexto sociocultural em que (con)vivem. Como seres, sujeitos em formação, as crianças constituem a compreensão e interpretação do mundo a partir das experiências que vivem em seu cotidiano. Isso, não foi diferente durante o período da pandemia de Covid-19, na medida em que, também nesse cenário, elas produziram formas e modos peculiares de interação com o meio social, mesmo diante de um contexto de isolamento. E ao viverem essa experiência comunicaram as vivências e os sentidos de suas infâncias produzidas no contexto pandêmico.

O texto está estruturado em dois tópicos que promovem o debate sobre as “**Perspectivas do Desenvolvimento Infantil**” e a reflexão de que a “**Criança é um Ser em Formação**”. No primeiro tópico, discutimos os

conceitos de criança, infâncias, desenvolvimento, tanto do ponto de vista dos fundamentos teóricos conceituais, quanto sob a perspectiva como da legislação em vigor. Nesta direção, o texto problematiza **“Como vivem e como se constituiu a vida das crianças, no que tange aos sentidos e sentimentos provocados pelo contexto da pandemia da Covid-19? Como produzem suas infâncias em meio ao cenário e aos tempos de (in)certezas?”**

No segundo tópico, discutimos e apontamos os sentidos das infâncias produzidos por elas em tempos de pandemia, remetendo a um olhar de desenvolvimento maduro para as idades, em especial porque elas apontaram uma preocupação com os outros (familiares e amigos) e só depois colocam-se a pensar em si.

Metodologicamente, a pesquisa foi conduzida pelo trabalho de campo, com a realização de entrevistas semi-estruturadas, conduzidas por um formulário aplicado através do google forms com o auxílio dos pesquisadores/as que residem nessas comunidades/localidades e a colaboração dos pais e familiares das crianças.

As 35 (trinta e cinco) crianças co-autoras da pesquisa têm entre 5 e 11 anos de idade, sendo que, 10 (dez) residem na Comunidade do Rio Quianduba – Ilhas de Abaetetuba e outras 20 (vinte) na Ilha de Mosqueiro, um distrito de Belém, todas no Pará.

PERSPECTIVAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A infância é historicamente construída a partir de um processo de longa duração que lhe atribuiu um estatuto social e que elaborou as bases ideológicas, normativas e referenciais do seu lugar na sociedade. Esse processo, para além de tenso e internamente contraditório, não se esgotou [...] (SARMENTO, 2005, p. 365).

A reflexão de Sarmiento, ora apresentada nos remete ao debate do processo e dos contextos das infâncias. Dizemos isso porque embora o autor use o singular, em nossa leitura, o termo mais correto seria denominar “Infâncias”, pois é realmente plural, uma vez que os contextos nos quais esses

sujeitos estão não é o mesmo, ele se diferencia **física** (natural – espaço, lugar, território, meio ambiente) e **socialmente** (grupos, culturas, etnias).

Quando o autor afirma que “[...] Esse processo, para além de tenso e internamente contraditório, não se esgotou [...]” alude à ideia de que não tratamos de sujeitos singulares, homogêneos, mas plurais e, portanto, heterogêneos, resultantes das relações sociais, produzidas historicamente no espaço, tempo, no lugar, em seus territórios, na relação com a cultura e a identidade de um povo com o qual comunga aprendizagem e constrói sua identidade.

É importante desambiguar os termos, alocando o entendimento conceitual de **criança** e **infâncias**, uma vez que tais conceitos podem ser entendidos como sinônimos. De acordo com o Art. 2º do ECA – Lei 8069/90 “Considera-se criança, para os efeitos desta lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos [...]” (BRASIL, 2004, p. 11), portanto, o conceito remete à passagem cronológica da criança em um processo de desenvolvimento “natural”, e igual para todas elas, já que é a idade que determina quem o tempo e conseqüentemente, a própria concepção do ser criança.

Já o conceito de **infâncias**, depende primeiro da compreensão de **infância**, o que segundo Müller e Hassen (2009), se constitui em uma forma estrutural permanente, ainda que seus sujeitos mudem com o passar do tempo, já que se “transformam” enquanto seres biológicos e sociais, assim passam a idade cronológica e os contextos socioculturais, tornando-se novos sujeitos. Contudo, por ser estrutural, a ideia de infância permanece, ainda que no imaginário. Tal concepção, enquanto forma estrutural permite “[...] compará-la a outras formas de **estratificação social**. Portanto, a afirmação da **infância enquanto categoria estrutural permite identificar as características comuns às crianças**” (DIAS, 2012, p. 70 – grifo nosso).

Frente ao exposto compreendemos que o conceito de **infâncias** deve considerar o processo histórico, o contexto sociocultural e óbvio, a dimensão econômica que reflete efetivamente nas condições da vida e existência desse sujeito, isso porque no Brasil, e em particular, no estado do Pará não é diferente, pois muitas crianças têm suas “infâncias roubadas”, silenciadas,

marginalizadas e destituídas de suas singularidades em virtude de sua inserção precoce no mundo adulto, assumindo responsabilidades e tarefas, bem como papéis sociais que retiram delas o direito de viver e produzir suas infâncias como meninos e meninas. Desta forma, muitas delas, para garantir sua própria sobrevivência, são obrigadas a trabalhar para ajudar na manutenção de suas famílias⁴, logo “[...] A criança que vive em um nobre bairro de uma cidade não é tratada da mesma forma que uma criança da periferia, que vive de vender doces em um semáforo” (BARBOSA; SANTOS, 2017, p. 261). Desse modo, a condição de desenvolvimento social das crianças são determinantes e impactam diretamente no desenvolvimento de suas infâncias, ou seja, em sua existência social, a qual não pode ser invisibilizada.

Neste sentido, cabe refletir sobre “Como a criança se desenvolve e constitui suas “infâncias” a partir de suas experiências socioculturais?”, já que elas são multiplamente influenciadas e determinadas pelas relações sociais nas quais estão envolvidas, bem como pelas culturas infantis que (re)produzem na materialidade de seu viver.

Para quem convive em diferentes espaços com crianças, como é o nosso caso como pesquisadores/as é possível perceber que aquelas que não fazem parte dos centros urbanos, ou seja, que residem e produzem suas infâncias por entre os rios, matas e em territórios quilombolas, participam de um espaço social que lhes proporciona liberdade e oportunidade para seu desenvolvimento psicomotor, emocional, afetivo, psicológico e cognitivo por estabelecer processos de interação com a natureza de forma mais espontânea. Assim, são ensinadas culturalmente a respeitar e conviver em harmonia com essa diversidade socioespacial e suas territorialidades, além de compreenderem e usarem um instrumental relacionado à sua vida como criança ribeirinha, caiçara, quilombola que se constitui socialmente.

As crianças dos espaços urbanos, porém, são bem diferentes, pois seus distanciamentos, separadas por muralhas, muros físicos e sociais, necessariamente instituídos por uma dinâmica própria da cidade, afasta

⁴ Por problemas diversos, os quais não serão tratados aqui, já que não é o propósito deste debate.

ainda mais a relação direta com a natureza e isso lhes faz piorar a realidade vivida, muitas vezes, até desconhecem os modos de vida do campo. Nesta discussão, ainda estão envolvidos vários elementos importantes ao debate dos diferentes contextos socioculturais de produção das infâncias, porém esta não é nossa intenção. Vale ressaltar que as infâncias produzidas e vividas tanto no Campo e/ou nas Cidades são heterogêneas, uma vez que em cada um desses espaços também há fatores econômicos, culturais, sociais e ambientais que influenciam e participam da construção das vivências, produzindo sentidos e sentimentos no contexto de vida das crianças.

Em nossa pesquisa, pudemos observar que as crianças nascidas e criadas em zonas de conflito nos centros urbanos têm muito menos oportunidades de usufruir de espaços seguros, amplos e adequados (nos referimos aos espaços formais, próprios ao uso de crianças, para a materialização de suas infâncias, com monitoramento de um profissional ou acompanhamento dos pais e responsáveis) ao seu desenvolvimento. Pela ausência de espaços adequados nas cidades, as crianças brincam na rua, tornando-se mais livres, assim elas produzem suas identidades livremente, na relação com seus pares e o contexto sociocultural, porém é necessária a presença de um adulto que possa lhe orientar e até mesmo cuidar de sua segurança.

As crianças do espaço urbano geralmente estão em ambientes fechados, têm muitas coisas prontas e acabadas, acesso aos meios tecnológicos e às vezes, poucas oportunidades criativas, pois há pouca liberdade para o seu desenvolvimento integral, isso, imposto pelas restrições de socialização em espaços mais amplos, que proporcionem contato com a natureza e seus elementos.

No campo, a liberdade está pautada no respeito das tradições e ao permanente desafio de viver, geralmente sem muitas coisas prontas, logo são ensinadas pelos mais velhos a construir alternativas, saídas para os problemas da vida comum. Assim, as crianças aprendem o valor do lugar e seu papel no uso e convivência com aquele espaço e seus sujeitos,

garantindo por meio do contexto que as infâncias se constituam em processos, fruto da história de vida de suas famílias e da comunidade com a qual se relacionam.

Nesta direção, a criança compreende os limites e as possibilidades de sua condição infantil. Mesmo assim, tal como nas cidades, no campo, elas também são diferentes, afinal o contexto familiar, os saberes, o meio social em que (con)vivem e produzem suas existências, sejam crianças ribeirinhas, quilombolas ou caiçaras, tais sujeitos são marcados por seus territórios em seus tempos e espaços, na cultura e modos de vida. De tal modo no contexto ribeirinho, as vivências das crianças e suas infâncias estão atreladas, além do espaço do rio e da mata aos corredores das grandes “artérias⁵” que interligam os rios e o próprio município, de uma comunidade a outra às grandes cidades, que por sua vez, também são constituídos de sujeitos em diferentes condições socioeconômicas, marcados pelo tempo-espaço-lugar do asfalto, das ruas, becos, vielas, periferias e tudo que constitui a vida na cidade.

8

O cenário, portanto, exige que observemos as múltiplas variáveis, em particular a econômica, de forma a não sermos injustos, generalizando e homogeneizando as crianças e suas infâncias, sem considerar o contexto sociocultural em que se produzem como sujeitos, mas ao mesmo tempo, sofrem as influências de seu meio social. Portanto, é pela ótica da realidade social que as infâncias por múltiplas perspectivas devem ser vistas, pois;

[...] A geração da infância está, por consequência, num processo contínuo de mudança, não apenas pela entrada e saída dos seus actores concretos, mas por efeito conjugado das acções internas e externas dos factores que a constroem e das dimensões de que se compõe. (SARMENTO, 2005, p. 365).

O autor defende que há fatores internos e externos que movimentam a constituição da infância, por isso conceber a criança na perspectiva de

⁵ Metáfora à qual nos referimos aos **braços de rios** (rios secundários), **ramais** (travessões - vias não asfaltadas ou não oficiais espalhadas pelo interior do Brasil e que servem de meio integrador das localidades).

logo homogenizá-la seria invisibilizar os fatores que contribuem para a formação de sua identidade e, portanto, um desrespeito à construção desse ser em desenvolvimento, o qual precisa da mediação do adulto, como pessoa mais experiente, (pais, familiares, amigos, educadores, meio social) para orientá-los nessa construção. Contudo, os tempos atuais (Pandemia de COVID 19)⁶ abalaram a todos e produziram um impacto que nos desafiou a repensar todas as relações.

Diante do exposto, nossa leitura é que e o presente debate centra-se nas **Infâncias** porque existem múltiplos contextos e dimensões que não permitem sintetizá-la ou reduzi-la de forma unilateral, sentido ou significado, tal como mencionamos acima. Por isso haver a necessidade de perceber esses sujeitos como tais: múltiplos de uma condição cronológica que para ser efetiva, necessita de outras perspectivas, sejam elas sociais, culturais, econômicas, históricas, biológicas, psicológicas e, claro, cognitivas.

A multiplicidade da formação e desenvolvimento das crianças e de suas respectivas infâncias perpassa pela garantia de direitos.

Documentos como o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei 8069/90) e a Declaração Universal dos Direitos das Crianças sintetizam os principais direitos das crianças pela Organização Social SASA, a saber:

- ❑ Ter desde o dia em que nasce um nome e uma nacionalidade, ou seja, ser cidadão de um país;
- ❑ Ter uma educação de boa qualidade;
- ❑ Ter acesso à cultura e aos meios de comunicação e informação;
- ❑ Poder brincar com outras crianças da mesma idade e não ser obrigado a trabalhar como adulto;
- ❑ Receber assistência médica gratuita nos hospitais públicos sempre que precisarem de atendimento;
- ❑ Ter uma boa alimentação que dê ao organismo todos os nutrientes que precisam para crescer com saúde e energia;
- ❑ Ter a proteção de uma família seja ela natural ou adotiva, ou de um lar oferecido pelo Estado se, por infelicidade, perderem os pais e parentes mais próximos;

⁶ Texto produzido no cenário pandêmico de 2020, refletindo esse momento de pesquisa.

- ❑ Ser livre para ir e vir, conviver em sociedade e expressar ideias e sentimentos;
- ❑ Não sofrer agressões físicas ou psicológicas por parte daqueles que são encarregados da proteção e educação ou de qualquer outro adulto;
- ❑ Ser beneficiada por direitos, sem nenhuma discriminação por raça, cor, sexo, língua, religião, país de origem, classe social ou riqueza e toda criança do mundo deve ter seus direitos respeitados. (SASA, 2020)⁷.

Pelas prerrogativas do ECA, o poder público, a família e a sociedade em geral são responsáveis pela garantia e respeito aos direitos de crianças e adolescentes para elas poderem se desenvolver em plenitude. Dados oficiais do UNICEF⁸ revelam o contrário, principalmente, o poder público e a sociedade têm deixado de modo geral as crianças e suas infâncias ameaçadas.

Em documento lançado no Brasil no ano de 2021 a Fundação Abrinq revelou “[...] indicadores sociais, como mortalidade infantil, acesso à creche, trabalho infantil, desigualdade social e violência [o que mostra um...]” retrato da educação de crianças e adolescentes durante a pandemia do novo Coronavírus (Covid-19)⁹”.

O cenário, agravado e aprofundado pela Covid 19, mostrou que o problema é crônico e histórico, efetivamente configura uma negação generalizada dos direitos das crianças, mas se antes da pandemia esses direitos não eram cumpridos, durante ela, as condições de vida e de sobrevivência das crianças e de suas famílias se agarvou ainda mais. Segundo a Fundação Abrinq (2021).

[...] a Região Norte é a que apresenta a maior concentração de crianças e adolescentes, superando 41% da população. Mas é na Região Sudeste onde se concentra a maior população

⁷ Disponível em: https://sasa.org.br/novo/?page_id=65#. Acesso em: 17/04/2022.

⁸ Segundo o Unicef quase 54 milhões de crianças e adolescentes estavam em situação de negação de direitos (2020). Para a Fundação FEAC “A Pobreza atinge cerca de 40% das crianças brasileiras com menos de 9 anos” (2021).

⁹ Fundação Abrinq (2021). Disponível em: <https://fadc.org.br/noticias/fundacao-abrinq-traca-panorama-da-infancia-e-adolescencia-no-brasil#>.

nessa faixa etária: são mais de 89 milhões de crianças e adolescentes¹⁰.

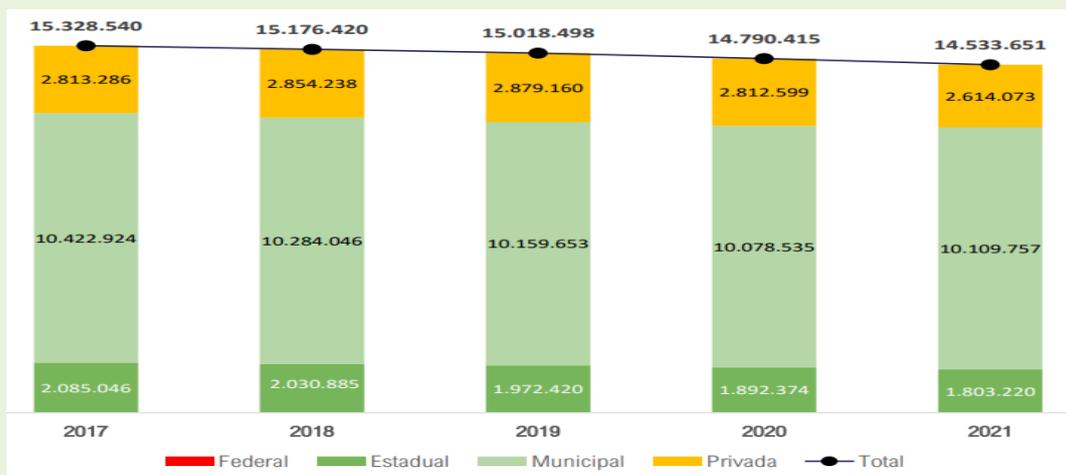
A quantidade de crianças e adolescentes do Brasil é maior que populações de países como Portugal, França, Espanha, Suécia e Itália por exemplo. A situação é mais crítica para 9,1 milhões de crianças e adolescentes que estão em situação de **extrema pobreza** (renda per capita mensal inferior ou igual a um quarto de salário-mínimo) e 9,7 milhões em **situação de pobreza** (renda per capita mensal de mais de um quarto até meio salário-mínimo). Esses indivíduos reforçam o exército de miseráveis que não terão oportunidades de se tornarem cidadãos plenos de bem, algo que não é visível na perspectiva do sistema, o qual age como se tal situação fosse natural, ou normal.

Segundo o IBGE (2021), mais de 45% da população de crianças e/ou adolescentes (0 a 14 anos) viviam em situação de pobreza em 2021. Algo que se reflete na vida escolar, pois o instituto também afirma que cerca de 1,6 milhões de crianças e adolescentes de até 17 anos de idade não estavam frequentando a escola entre julho e novembro de 2020. Dados como estes nos desafiam a pensar nos déficits, limites, necessidades e possibilidades que as políticas públicas devem produzir para corrigir os impactos gerados durante a pandemia de Covid 19.

Com a pandemia, observou-se que nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, houve uma regressão de aproximadamente 5,2%. Concretamente, ano após ano, desde 2017 ocorreu uma redução de matrículas nessa etapa da Educação Básica. Assim, entre os anos de 2017 e 2019, houve uma perda de 310.042 matrículas, dois anos depois (2021). esses dados ficaram mais críticos, chegando a perder quase oitocentas mil matrículas, exatas 794.889 vagas que deixaram de ser ocupadas em relação ao ano anterior, como pode ser visto em detalhes no gráfico a seguir apresentado no Censo Escolar de 2021.

¹⁰ Idem.

Gráfico 1: Evolução das matrículas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental por dependência administrativa – Brasil 2017-2021



Fonte: INEP – Censo Escolar 2021 (BRASIL, 2021, p. 13)

Este contexto mostra que há muitos problemas a serem enfrentados, para além da negação da garantia do direito ao acesso à educação, percebe-se a fragilidade na permanência e na qualidade da escola pública brasileira. Inegavelmente, a pandemia agravou ainda mais esse cenário, intensificando os problemas relacionados ao ensino-aprendizagem em todos os indivíduos, mas no caso das crianças, a questão é mais séria, justamente porque elas estão em processo inicial de alfabetização e socialização com as experiências escolares e com o mundo. Cabe, portanto, refletir de quais crianças ou infâncias estamos falando. Para tanto, necessitamos conhecer e compreender como vivem e quais os reflexos dessas vivências na formação da identidade dessas crianças e respectivamente de suas infâncias.

12

Como vivem e como se constitui a vida das crianças? Como produzem suas infâncias?

As crianças co-autoras da pesquisa são de duas áreas de ilhas, uma de **Abaetetuba** (Quianduba¹¹) e outra de **Belém** (Mosqueiro¹² - bairro do

¹¹ Um das 20 ilhas do município de Abaetetuba, região tocantina do Pará. A localidade fica a 10 km da área continental e possui uma população de 3.400 habitantes, das quais 585 são crianças vivendo suas infâncias de rio, matas, baías, furos e igarapés.

¹² Ilha que integra a capital do estado do Pará, Belém. Área turística em região praieira, Mosqueiro tem uma população de 50 mil habitantes (IBGE, 2021), mas aos finais de semana recebe em média cerca de 100 mil turistas, a grande maioria vem da área continental de

Chapéu Virado). É importante registrar que essas crianças frequentam escolas, de modelo tipicamente urbano e vivem experiências diversas de socialização.

A pesquisa ouviu 35 crianças durante o primeiro ano da pandemia. Os dados foram coletados, por meio de formulário eletrônico aplicado com o auxílio das escolas/professores e apoio das famílias.

Sobre a caracterização, é importante destacar que as crianças de Quianduba têm contato regular com os rios e matas, igarapés e furos, seu meio de transporte mais regular são as embarcações (Transporte Escolar) ou **rabetas** (pequenos barcos a motor da própria família, canoas e barcos). Já as de Mosqueiro (Chapéu Virado), assim como as de Quianduba, para além das embarcações, também vivenciam o Transporte Escolar em ônibus.

Em seu cotidiano, essas crianças têm diferentes experiências com familiares, amigos da comunidade¹³ ou mesmo nas oportunidades locais. A título de exemplo, em Quianduba, as crianças brincam nos rios, na praia de lama e até nas matas¹⁴. As brincadeiras mais recorrentes ocorrem no rio como, por exemplo: pira-pegar na água, pira-ajuda, pira-mãe, pira-esconde, porfia de mergulho, porfia de canoa, pira-bola, mergulho, pulo da ponte, corrida e salto.

As mesmas vivências também fazem parte do cotidiano das crianças em Mosqueiro. Há, porém, outras vivências como as atividades de rua (futebol no campo – várzea, atividades de encontros e brincadeiras nas ruas – tacobol, fura-fura, peteca, papagaio...) ou até aquelas do condomínio, é importante dizer que mesmo sendo alunos de escolas públicas, alguns dos informantes de Mosqueiro moram em condomínios, logo suas brincadeiras

Belém, no veraneio pode chegar a aproximadamente a 500 mil pessoas. Tipicamente, mesmo sendo uma ilha, a localidade é um misto de campo e cidade, então há um hibridismo em sua identidade geográfica.

¹³ Entenda como o coletivo da área de morada da criança (vila, rua, coletivo e/ou grupos específicos).

¹⁴ Espaço de florestas que geralmente são partes do quintal no próprio terreno da família, lá pode ter Mangue, Igarapés, inúmeras árvores frutíferas (nelas as crianças brincam penduradas).

são mais restritas e controladas, diferente dos demais que têm liberdade e conduta espontânea e criativa.

Frente ao exposto, nossa reflexão aponta algumas características que podem responder às perguntas que abrem este tópico (**Como vivem e como se constitui a vida das crianças? Como produzem suas infâncias?**). Assim, podemos polarizar em **respostas positivas** e **negativas**, justificando que dependendo do contexto, do perfil socioeducativo da comunidade ou do grupo social em que vivem as crianças podem apresentar uma ou várias das respostas ora apontadas.

Quadro 1: Respostas - Como vivem e como se constitui a vida das crianças? Como produzem suas infâncias?

Positivas	Negativas
✓ Libertas, criativas, lúdicas, oportunas.	✓ Reprimidas, estáticas, reprodutivas e inoportunas.
✓ De aprendizagens diversas: Crítico-reflexiva e dinâmica	✓ De aprendizagem única: acrítica e sintética

Fonte: Elaborado pelos autores.

Se a resposta é positiva ou negativa tem mais a ver com o significado atribuído a partir da concepção de quem analisa o contexto, isso porque para os sujeitos do lugar ou da cultura local, determinadas condutas são reflexos e valores atribuídos pelos próprios sujeitos, logo eles entendem que reproduzir, não questionar, ou mesmo concordar com explicações sintéticas é sinal de respeito. Porém, mesmo no período da pandemia, de tempos de afastamento e isolamento social, proibições e limitações, ocorrem formas de resistências e transgressões em que as crianças re/criaram outros modos para o brincar.

Isso indica que é de forma reflexiva, ética, crítica e dinâmica que se produzem condutas libertas, caracterizadas pela criticidade, criatividade, resistência e transgressão, produzidas pelas crianças através de uma postura lúdica, que por meio de oportunidades diversas, produzem não apenas uma ideia, mas uma conduta praxiológica da formação do ser social, o que para elas e suas múltiplas infâncias, ocorre por meio das brincadeiras imersas no contexto sociocultural de suas vivências. Assim:

[...] conceber a criança como ser social que ela é, significa: considerar que ela tem uma história, que pertence a uma classe social determinada, que estabelece relações definidas segundo seu contexto de origem, que apresenta uma linguagem decorrente dessas relações sociais e culturais estabelecidas, que ocupa um espaço que não é só geográfico, mas que também dá valor [...] de acordo com os padrões de seu contexto familiar e de acordo com sua própria inserção nesse contexto (KRAMER, 1986, p. 79).

As crianças, ao terem oportunidades, poderão fazer do processo de desenvolvimento de suas infâncias espaços potenciais de sujeitos libertos, que questionam qualquer forma de repressão e conduta limitadora da criticidade, tal como fazem, por exemplo, os filhos dos trabalhadores rurais do Movimento Sem Terra (MST), que pela vivência das experiências de seu contexto aprendem no movimento social a formar sua identidade, reconhecem seus direitos e se envolvem nas lutas sociais por entenderem que elas são produtos das relações históricas de sua família e da comunidade da qual fazem parte. Contudo, é importante entender que este é um processo.

15

CRIANÇA UM SER EM FORMAÇÃO

A criança em seu processo formativo como ser social, percebe o mundo pelas oportunidades que tem de tal forma ela lê sua realidade e na medida em que desvela o mundo ao seu redor, passa a compreendê-lo seja pela apropriação, construção, desconstrução ou mesmo reconstrução da realidade, na qual ela cria e recria atribuindo e apropriando conceitos. Portanto, a criança se desenvolve em interação com o mundo, por meio de trocas processuais dos sujeitos entre si e deles com o meio.

A aprendizagem tem um papel fundamental para o desenvolvimento do saber, do conhecimento. Todo e qualquer processo de aprendizagem é de ensino-aprendizagem se faz na reação da criança com o mundo, incluindo a relação social entre aquele que ensina e a relação entre eles. Esta conexão entre desenvolvimento e aprendizagem através da zona de desenvolvimento proximal [...] um “espaço dinâmico” entre os

problemas que uma criança pode resolver sozinha (nível de desenvolvimento real) e os que deverá resolver com a ajuda de outro sujeito mais capaz no momento, para em seguida, chegar a dominá-los por si mesma (nível de desenvolvimento potencial) (VYGOTSKY, 1989, p. 59).

A criança se desenvolve em interação com o mundo, assim ela compreende o meio, os sujeitos e suas relações, aprendendo não apenas o que a sociedade cristalizou, mas as formas e representações de cada meio de sua convivência. Neste sentido, percebe diferenças, conformidades e também conflitos sobre o mundo (consciência ambiental, respeito mútuo, inventividade e, claro, as regras sociais).

Por se tratar de um ser em formação, a criança também está em busca do entendimento do mundo (com todas as suas variações e oportunidades objetivas que ela tem acesso), bem como de sua própria existência, se não de forma objetiva, mas com múltiplos imaginários que conflitam sua representação e compreensão social. Assim, o debate até aqui tecido se dispõe ao debate com a emergência de saúde pública ocorrida mundialmente a partir de março de 2020, a pandemia de Covid 19.

Nesse processo formativo, a criança convive com mitos e verdades, elementos constituídos ou usados pelos adultos também para alimentar e/ou orientar os limites e possibilidade da vida em sociedade.

Na contemporaneidade, a pandemia de Covid 19 produziu muitas ideias, frutos da imaginação e criatividade das infâncias, a depender do lugar, das oportunidades e das condições adequadas. Sendo assim, o vírus poderia ser representado de múltiplas formas em cores, monocromáticas (verde, azul, vermelho...) ou colorido, ter duas cabeças, ou um imaginário do bem ou do mau, atribuição de crianças já socializadas que têm acesso à cultura dos adultos ou de grupos como igrejas, por exemplo (PENINA; PENZANI, 2020).

Concretamente, desde março de 2020, o Brasil passou a conviver com o coronavírus, o qual está presente com força no imaginário das crianças, amedrontadas por um inimigo estranho e invisível que pode a qualquer

tempo e lugar atacar qualquer um de nós. Diante das incertezas, a criatividade e as experiências as levam frequentemente a (re)produzir representações dessa realidade.

Cada vivência é uma oportunidade formativa, mas ela apresenta variações de **ordem filosófica, sociológica e psicológica** que na maioria das vezes, não são discutidas com os sujeitos fora da academia. Sendo assim, crianças, em suas múltiplas infâncias, bem como pais e responsáveis não sabem como lidar com tal situação.

Procurando entender a perspectiva dos alunos sobre a pandemia, questionamos: - **Qual o seu maior medo em relação a pandemia?** Em resposta 40% deles (14 informantes), disseram que tinham medo de serem infectados/as pelo vírus e em segundo lugar, com 31,4% (11 informantes), temiam perder os pais e amigos. Perder a própria vida apareceu nas respostas de apenas 8,6% (3 informantes, mas foi o último dos cinco itens apresentados em resposta, o que significa dizer que as crianças estão mais preocupadas com os outros do que consigo o que alude essência altruísta, como pode ser visto nas narrativas de A4, A13 e A3).

O meu medo é do coronavírus (choro), porque isso está demorando muito e a vovó pode pegar essa doença e as vez agente melhora e as vez agente morre (choro) (A4);

Essa pandemia fez com que eu ficasse longe dos meus colegas da escola, eu fico triste, penso muito neles (A13);

Fico triste porque se agente não tiver cuidado pode perder o pai, a mãe, o irmão, as pessoas que agente gosta, porque não tem hospital pra atender as pessoas (A3).

As respostas das crianças evidenciam que suas infâncias são marcadas pela presença do outro/a, com o/a qual interage e produz relações afetivas, pois ao que parece, ao se preocuparem com os outros/as elas estão revelando o potencial da convivência social e a relação sócio-histórica produzida em seus contextos, isso indica que a sociabilidade lhe é

vital, pois elas demonstram que precisam dos outros para manter sua própria existência, ainda que neste momento ela seja de cunho afetivo.

As três respostas apresentadas revelam variáveis interessantes, a primeira de ordem socioeconômica, cunhada na **temporalidade da pandemia** (custe acabar) e na **questão social** (perda de pessoas queridas, pois revela o limite da sociabilidade e a fragilidade afetiva) produzida por ela, a segunda por causa das perdas de relações afetivas e, por fim a terceira, demonstrando sensibilidade com a condição das pessoas que não tinham o tratamento adequado dada a estranheza à doença e falta de atendimento, oportunamente as crianças ouviam notícias recorrentes da pandemia e isso ocasionou profundos impactos efetivamente suas vidas.

No todo, elas estão ligadas por um laço marcante, a questão social, que agrega as relações afetivas, sociais e culturais. Sendo assim, enquanto a **sociedade médica** (trabalhadores e pesquisadores da área de saúde), os **profissionais do direito** (advogados e associações de Classe) e da **política** (nas três esferas do poder nacional) criavam protocolos que pudessem instrumentalizar e oferecer caminhos oportunos ao melhor entendimento e/ou tratamento em tempos incertos, na **educação** o esforço foi para manter o equilíbrio emotivo e a postura necessária nas relações sociais possíveis.

Questionamos então os alunos sobre suas atividades em 2020. Desta forma, indagamos: - **Quais atividades as crianças têm realizado, prioritariamente, durante a pandemia?** Em resposta, a grande maioria, 60% dos informantes estiveram em **brincadeiras e estudos com/na¹⁵ família**. Para muitas crianças, isso foi muito especial, afinal a maioria delas jamais havia ficado tanto tempo próximo do pai ou da mãe, estudando ou brincando com a/na presença desses.

As crianças em duas outras das respostas mais frequentes também disseram que as “Brincadeiras com outras crianças – irmãos” (17,1%) e a “realização de atividades remotas da escola” (14,3%) foram atividades

¹⁵ Refere-se tanto a participação dos membros da família assim como a ocorrência das situações no próprio ambiente familiar, na casa.

prioritárias. Mas, é importante dizer que mesmo durante a pandemia, a vida não se reduzia a isso, ou seja, mesmo sem ir à escola, havia atividades de ensino-aprendizagem em casa, ou ainda sem ter a possibilidade de ir à rua, ao campinho de areia, à esquina, à praça, ao igarapé, *the playground*, à piscina ou mesmo às festinhas do prédio, as crianças precisavam de oportunidades socializadoras.

São tantos condicionantes, mas a verdade é que a escola se constitui em um dos espaços mais completos para a vivência das infâncias, pois lá além do ensino-aprendizagem formal há outras oportunidades socializadoras, fruto de um processo de interação humana regular.

Então questionamos: - **Como você se sente sem poder ir à escola, encontrar familiares ou ir a outros lugares fora de casa?** A maioria deles/as retoma a importância da convivência social, por isso 51,4% afirmam estar “Tristes porque não tenho oportunidade de conviver com outras crianças e amigos”.

Diferente do apontamento anterior quando destacaram a convivência com os pais, aqui esse item aparece nas respostas de apenas 8,6%, os quais se dizem felizes pela presença e relacionamento com esses.

Aqui, o segundo item com maior destaque (34,3%) relaciona-se ao “[...] medo da COVID 19 porque ele provoca doença e até morte”. A situação de incertezas diante do novo é estranhada, tanto por crianças como por adultos e nesse percurso nos desafia a um processo permanente de investigação e descobertas.

Na sequência, questionamos: - **Pensando na Esperança, na possibilidade de encontrar o redirecionamento da vida, o que você espera do futuro?** A pesquisa constatou que a maioria deles/as, cerca de 54,3% (19 informantes) desejavam que a Covid fosse controlada, de forma a garantir trânsito livre novamente às pessoas. Essa resposta é um anseio da expressão de liberdade que eles conhecem.

A pesquisa aponta ainda que um pouco mais de 34% (12 informantes) desejavam o retorno à normalidade, se buscarmos a essência aqui, poderemos encontrar uma conexão com a indicação anterior, afinal ambas

centralizam a possibilidade de normalidade social. Nestes termos, ao juntarmos as duas respostas, por sua essência chegaríamos a mais de 84,5% (o que representa o posicionamento de 30 informantes). Portanto, um desejo, representado pela maioria dos informantes, em voltar à liberdade e regularidade social, mas ao mesmo tempo indica o sentimento de esperança em novos tempos, de possibilidades reais para o viver, o ser, o sentir e fazer das infâncias de crianças na Amazônia paraense.

A terceira resposta mais evidente (8,6%) e não menos importante faz alusão ao fortalecimento e união das famílias, as quais aparecem de diversas formas na pesquisa. Porém, ela acaba não sendo o fator de maior destaque já que o distanciamento social centralizou essa relação, mas distanciou os amigos.

A pandemia e suas medidas de restrição limitaram a convivência social, no caso das crianças, além do afastamento da escola, no ano de 2020 elas também se afastaram de amigos e de grupos secundários da família. Sendo assim, muitas crianças ficaram distantes de avós, tios, primos e até aqueles/as do núcleo familiar direto, pais e mães e/ou irmãos quando estes eram profissionais de saúde.

Frente ao exposto, as crianças ficaram afastadas tanto da convivência familiar, como da vida social (contexto escolar, comunidade, igreja). Com isso houve restrição e redução do campo das relações sociais de convivência e interação, sob esse aspecto, buscamos entender como as crianças observaram/sentiram ou viveram esse momento. Para tanto, questionamos: - **O que você mais gosta de fazer durante a pandemia?**

Por se tratar de uma questão aberta, fez-se necessário categorizar, para tanto chegamos a cinco grupos específicos de respostas, como pode ser visualizado no quadro 2. Fica evidente neste quadro que as crianças investigadas têm preferência pelo **Brincar**, pois quase 43% delas afirmaram isso. Mas, a segunda categoria, **Entretenimento** (31,4%), nos permitiram depreender que a diversidade do momento possibilitou muitas convivências em família, materializadas por meio das sessões de TV para assistir filmes e desenhos, em jogos com disputa entre pais e filhos, ou ainda por momentos

de alimentação (comer à mesa passou a fazer parte da vida de algumas delas que raramente tinham tal oportunidade com a família).

Quadro 2: Categorias de Análise – Mensagem dos alunos às Crianças e Adultos

Categoria	Quant.	Percentual
Brincar (Atividade Exclusiva)	15	42,9%
Estudar (Atividade Exclusiva)	03	8,6%
Brincar e Estudar (Ato compartilhado)	06	17,1%
Entretenimento (Vivência em Família) ¹⁶	11	31,4%
Total	35	100%

Fonte: Elaborado pelos autores com base na pesquisa.

Efetivamente o quadro 2, revela que as crianças não preferiam estudar durante a pandemia. Mesmo assim, aparece com 8,6% de suas preferências, o que é amenizado quando estudo e brincadeiras são associados e/ou articulados ao interesse de 17,1%.

Para fechar a discussão, solicitamos aos estudantes que deixassem uma mensagem para crianças e adultos. Como a questão era aberta, as respostas foram diversas, mas categorizamos pela relação de proximidade e essência de seu conteúdo. Sendo assim, organizamos em quatro categorias como pode ser visto no quadro 3, a seguir.

Quadro 3: Categorias de Análise – Mensagem dos alunos às Crianças e Adultos

Categoria	Quant.	Percentual
Família (Ficar em casa)	15	42,9%
Prevenção (Cuidado)	03	8,6%
Estudo	03	8,6%
Esperança (Deus e Fé)	14	40%
Total	35	100%

Fonte: Elaborado pelos autores com base na pesquisa.

As crianças, mesmo diante da incerteza produzida pelo cenário pandêmico não se rendem a ele e mostram toda a força de suas infâncias, como produto de uma convivência social qualificada. Desta forma,

¹⁶ Tais como atividades coletivas, assistir TV (Desenhos e Filmes), Jogar videogame, Jogos online.

mandam mensagens positivas e recheadas de sentidos esperançosos às demais crianças e adultos. Assim, afirmam:

[...] tenham paciência nessa pandemia e que tomem os cuidados necessários para manter a saúde e o bem estar de todos. (A3)

Fique em casa se proteja dessa doença que em breve tudo vai passar e vamos poder voltar às nossas atividades normais (A6)

As falas de A3 e A6 mostram que os estudantes já têm noção daquilo que representava aquele momento. São falas de alerta, prevenção, prudência e esperança, o que nos parece bastante significativo para aquele momento caótico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao elucidarmos algumas considerações sobre esta pauta, fazemos uma comparação com o filme, **A Era do Gelo** no qual os animais são desafiados a se adaptarem ao contexto estranhado a eles, os quais percebem a necessidade de se ajudarem mutuamente de forma a garantir a sobrevivência de suas espécies. Esperamos que a pandemia nos ensine vivenciar algo parecido, respeitar a vida e todas as espécies do planeta. Afinal, ela abalou as estruturas sociais, políticas e culturais de todo o planeta.

Hoje, passados quase 3 anos, em um contexto de pós pandemia, com menos tensões ou surtos mundiais, dado que essa emergência em saúde foi controlada a partir da popularização de medidas de higiene e prevenção, bem como da chegada e aplicação intensiva das vacinas, começamos a vivenciar parte daquilo que as crianças desejavam, volta à normalidade da vida. Porém, parece que as aprendizagens precisam ser visibilizadas de um ponto de vista pedagógico formal (nas escolas) e informal (comunitariamente pelos movimentos sociais, como exemplo) ficaram pelo caminho, já que, mesmo ainda sendo iminente o risco de novos surtos (dadas

as variações de cepas¹⁷), com tantas informações e contextos de ensino criados durante o período intenso da pandemia e ainda hoje para nos fazer entender a vida e as relações no planeta, continuamos (a sociedade em sua grande maioria) a ignorar a força avassaladora dessa doença que saiu do campo da saúde e adentrou todos os espaços de convivência humana, sem fazer distinção de raça, cor, etnia ou classe social.

Assim como os animais de A Era do gelo, as crianças amazônidas (re)criaram as condições e forjaram novas possibilidades de socialização e interação social no contexto da pandemia de covid-19. As crianças da Comunidade de Quianduba, por exemplo, realizavam suas brincadeiras coletivas na relação com o rio e a mata, ainda que em grupos menores, constituídos, principalmente, pelos parentes, primos/as, tias/os, pais/mães e avós. Mesmo vivendo a tensão entre o viver e a possibilidade do morrer, elas alimentaram a esperança de dias melhores, expressaram seus medos, como da perda de algum familiar.

As lágrimas frequentes que sinalizavam a angústia e a incerteza do amanhã, logo foram vencidas pelo desejo de um tempo vindouro do “Bem viver”, pela esperança de reencontrar os colegas da escola, a professora e a própria escola como um lugar importante de vivências outras, de construir amizades e afetividades para a vida.

Certamente as vivências e os sentidos das infâncias que essas crianças produziram frente ao contexto da pandemia de covid-19 nunca serão esquecidas e tão pouco apagadas de suas memórias e de suas histórias, uma vez que foram confinadas à reclusão, proibidas de abraçar, encontrar, tocar e se aproximar de outras crianças. Essa Era do Gelo (pandemia da covid-19) deixou uma das lições mais significativas para a humanidade, e muito bem representada pelas crianças: a necessidade da vivência coletiva, do respeito ao próximo e o da valorização do convívio social.

¹⁷ A cepa é uma variante ou um grupo de **variantes** dentro de uma **linhagem** que já se comportam um pouco diferente do vírus original. As cepas circulantes do vírus podem ser de linhagens diferentes (por exemplo, as do Brasil, da África do Sul e do Reino Unido), ou uma mesma linhagem pode ter várias cepas diferentes (G1, 2021).

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. S. S.; DOS SANTOS, J. D. F. Infância ou infâncias?. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 245-263, set./dez. 2017. DOI: 10.5965/1984723818382017245. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/234141204.pdf> Acesso em: 21 mai. 2022.

BRASIL. **Censo Escolar 2021**. Brasília: INEP/MEC, 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2021/apresentacao_coletiva.pdf. Acesso em: 21 mai. 2022.

GARCIA, M.; PINHEIRO, L. **Mutação, variante, cepa e linhagem: entenda o que significam os termos ligados à evolução do coronavírus**. G1, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/01/29/mutacao-variante-cepa-e-linhagem-entenda-o-que-significam-os-termos-ligados-a-evolucao-do-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 17 mai. 2021.

KLING, F. **A Pobreza atinge cerca de 40% das crianças brasileiras com menos de 9 anos**. Fundação FEAC, 2021. Disponível em: <https://feac.org.br/pobreza-atinge-cerca-de-40-das-criancas-brasileiras-com-menos-de-9-anos/>. Acesso em: 22 dez. 2022.

KRAMER, S. O papel social da pré-escola. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n. 58, p. 77-81, ago. 1986. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1321>. Acesso em: 22 mai. 2020.

PENINA, M.; PENZANI, R. **FALTA MUITO? O coronavírus e a infância: o que as crianças compreendem daquilo que ninguém entendeu ainda**. São Paulo/SP: ECOA, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/como-as-criancas-entendem-o-que-ninguem-compreendeu-ainda/#page2>. Acesso em: 21 mai. 2022.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago., 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/3PLsn8PhMzxZJzvdDC3gdKz/?format=pdf>. Acesso em: 23 mai. 2022.

UNICEF. **Situação das crianças e dos adolescentes no Brasil**. 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/situacao-das-criancas-e-dos-adolescentes-no-brasil>. Acesso em: 21 dez. 2022.

Recebido em: 27 de abril de 2023.
Aprovado em: 25 de setembro de 2023.
Publicado em: 19 de outubro de 2023.

